
EDITORIAL

«A Pátria portuguesa é um ser espiritual, que depende da vida individual dos portugueses», assim o afirma Teixeira de Pascoaes na sua obra «Arte de ser português».

Esta vida vem sendo alicerçada ao longo de oito séculos de história por sistemas de valores que nos dão singularidade e que nos fazem sentir solidários na luta pela sua preservação.

Só se «defende o que se ama» e só se «ama o que se conhece», o «amor pátrio» de que falamos não será assumido automaticamente pelas gerações vindouras, terá de ser cultivado, no presente, através da formação das camadas jovens.

A passagem de testemunho não é fácil numa época em que a ameaça não está concretamente definida; alguns dizem mesmo que o «patriotismo é uma paixão triste que só se conhece na dor» e que o espírito de defesa só aflora em alturas de crise.

Mas a crise que vivemos é também um desafio para um empenhamento contínuo em levar a juventude a reflectir sobre a defesa do seu espaço, da sua liberdade, dos seus valores e dos seus interesses.

O presente constrói-se e o futuro prepara-se. E neste sentido, à semelhança do que já vem sendo feito noutros países, o Instituto da Defesa Nacional está fazendo esforços para que, de forma concertada e continuada e em conjunção com o Ministério da Educação, sejam ministrados a professores cursos monográficos de «formação da cidadania» que levem a um maior esclarecimento dos princípios balizadores da defesa nacional.

O produto será formar nas escolas portuguesas responsáveis vivendo em liberdade numa terra que honra os direitos do homem.